

GEORGES SIMENON

# Um crime na Holanda

Tradução

*André Telles*



Copyright © 1931 by Georges Simenon Limited  
GEORGES SIMENON ® Simenon.tm  
MAIGRET ® Georges Simenon Limited  
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original  
*Un Crime en Hollande*

Projeto gráfico  
*Bruno Romão e Alceu Chiesorin Nunes*

Capa  
Alceu Chiesorin Nunes

Preparação  
*Leny Cordeiro*

Revisão  
Jane Pessoa  
Valquíria dela Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Simenon, Georges, 1903-1989.  
Um crime na Holanda / Georges Simenon ; tradução André Telles. — 1<sup>a</sup> ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Título original: *Un crime en Hollande*  
ISBN 978-85-359-2651-4

1. Ficção policial e de mistério (Literatura francesa)  
2. Romance francês I. Título.

---

15-08377

CDD-843.0872

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério : Literatura francesa  
843.0872

[2015]  
Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORASCHWARCZ S.A.  
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32  
04532-002 – São Paulo – SP  
Telefone: (11) 3707-3500  
Fax: (11) 3707-3501  
[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)  
[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

## **Sumário**

1. A vaqueira 7
2. O quepe do Baes 19
3. O Clube dos Ratos de Cais 31
4. As toras flutuantes do Amsterdiep 42
5. As hipóteses de Jean Duclos 55
6. As cartas 67
7. Um almoço no Hotel Van Hasselt 80
8. Maigret e as moças 93
9. Reconstituição 106
10. Alguém espera o momento certo 120
11. A janela iluminada 131

# 1. A vaqueira

Quando chegou a Delfzijl, numa tarde de maio, Maigret não tinha senão noções elementares sobre o caso que o chamava àquela cidadezinha fincada no extremo norte da Holanda.

Um certo Jean Duclos, professor na Universidade de Nancy, fazia uma turnê de conferências pelos países do Norte. Em Delfzijl, hospedava-se na casa de um instrutor da Escola Naval, o sr. Popinga. Mas o sr. Popinga fora assassinado e, embora não acusassem formalmente o professor de francês, ele foi intimado a não deixar a cidade e a permanecer à disposição das autoridades holandesas.

Isso era tudo, ou quase tudo. Jean Duclos comunicara o fato à Universidade de Nancy, que solicitara o envio de um membro da Polícia Judiciária em missão a Delfzijl.

A tarefa coube a Maigret. Tarefa mais oficiosa que oficial e que ele tornara ainda menos oficial ao deixar de avisar os colegas holandeses de sua chegada.

Por intermédio de Jean Duclos, recebera um relatório bastante confuso, seguido de uma lista de nomes que, de uma maneira ou de outra, estavam envolvidos no caso.

Foi essa lista que ele consultou pouco antes de chegar à estação de Delfzijl.

*Conrad Popinga* (a vítima), quarenta e dois anos, ex-capitão de longa data, instrutor na Escola Naval de Delfzijl. Casado. Sem filhos. Falava inglês e alemão fluentemente e francês razoavelmente.

*Liesbeth Popinga*, sua mulher, filha de um diretor de colégio de Amsterdam. Muito culta. Conhecimentos profundos de francês.

*Any Van Elst*, irmã mais moça de Liesbeth Popinga, que passava umas semanas em Delfzijl. Defendeu recentemente, e com sucesso, uma tese de doutorado em direito. Vinte e cinco anos. Compreende um pouco o francês, mas fala mal.

*Família Wienands*, mora na casa vizinha à dos Popinga. Carl Wienands é professor de matemática na Escola Naval. Tem mulher e dois filhos. Nenhum conhecimento de francês.

*Beetje Liewens*, dezoito anos, filha de um fazendeiro especializado em exportação de vacas de raça pura. Duas viagens a Paris. Francês perfeito.

Informações lacônicas. Nomes que não diziam nada, pelo menos para Maigret, que chegava de Paris após uma noite inteira e metade de um dia dentro de um trem.

Delfzijl deixou-o desconcertado logo ao primeiro contato. De madrugada, ele atravessara a Holanda tradicional das tulipas, depois, Amsterdam, que já conhecia. O Drenthe, verdadeiro deserto de urzes com horizontes de trinta quilômetros riscados por canais, o surpreendera.

Topava agora com um cenário que nada tinha em comum com os cartões-postais holandeses e cujo caráter era cem vezes mais nórdico do que ele imaginara.

Uma cidade minúscula: no máximo, dez ou quinze ruas, pavimentadas com bonitos tijolos vermelhos, alinhados com

a mesma precisão dos ladrilhos de uma cozinha. Casas baixas, de tijolinhos também, com entalhes de madeira em cores claras e alegres.

Era um brinquedo. Ainda mais que um dique cercava completamente a cidade. Nesse dique, havia passagens que podiam ser fechadas, em caso de ressaca, por meio de pesadas comportas, semelhantes às de uma clausa.

Do outro lado, o estuário do Ems. O mar do Norte. Uma longa fita de água prateada. Cargueiros descarregando sob os guindastes de um cais. Canais e uma infinidade de veleiros, grandes como barcaças, pesados como elas, mas projetados para vencer as intempéries marítimas.

Fazia sol. O chefe da estação usava um bonito boné laranja, com o qual cumprimentou com desenvoltura o passageiro desconhecido.

Em frente havia um bar. Maigret entrou e quase desistiu de sentar. Não só tudo reluzia feito uma sala de jantar pequeno-burguesa, como reinava ali a mesma intimidade.

Uma única mesa, com todos os jornais do dia em suportes de cobre. O dono do lugar, que bebia cerveja com dois fregueses, levantou-se para receber Maigret.

– Fala francês? – este indagou.

Gesto negativo. Ligeiro mal-estar.

– Dê-me cerveja... *Bier!*

Uma vez sentado, tirou seu papelzinho do bolso. Foi no último nome em que seus olhos bateram. Mostrou-o, pronunciou duas ou três vezes:

– Liewens...

Os três homens puseram-se a falar entre si. Então um deles se levantou, um rapagão de quepe de marinheiro, e fez sinal para que Maigret o seguisse. Como o comissário ainda não estava de posse de dinheiro holandês e queria trocar uma nota de cem francos, repetiram para ele:

— *Morgen! Morgen!*

Amanhã! Era só voltar...

Já era de casa. Tudo muito simples, singelo até. Sem dizer uma palavra, o cicerone guiava Maigret através das ruas do lugarejo. À esquerda, um hangar atulhado de velhas âncoras, cordames, correntes, boias, bússolas, que invadiam a calçada. Mais adiante, um marinheiro cuidava de suas velas na soleira.

A vitrine da confeitoria exibia um sortimento incrível de chocolates e doces complicados.

— Não falar inglês?

Maigret fez sinal que não.

— Não *Deutsch*?

Mesmo sinal, e o homem resignou-se ao silêncio. O fim de uma rua já emendava com o campo, pastos verdejantes, um canal, cuja largura era quase toda ocupada por toras de madeira do Norte, boiando à espera de ser carreadas através do país.

Bem ao longe, um grande telhado de telhas envernizadas.

— *Liewens! Dag, mijnheer!*

E Maigret continuou sozinho, não sem tentar agradecer ao homem, que, sem o conhecer, caminhara cerca de quinze minutos para lhe fazer uma gentileza.

O céu estava azul, a atmosfera, translúcida. O comissário contornou um depósito de madeira ao ar livre, onde as toras de carvalho, mogno e teca empilhadas batiam na altura das casas.

Havia um barco atracado. Crianças brincando. Depois, um quilômetro de solidão. Mais toras no canal. Cercas brancas demarcando os pastos coalhados de vacas magníficas.

Novo choque entre a realidade e as ideias preconcebidas: a palavra fazenda evocava para Maigret um telhado de sapê, montes de estrume, uma promiscuidade animal.

E ele se via diante de uma bela construção, nova, rodeada

por um parque resplandecente de flores. No canal, defronte da casa, um bote de mogno de linhas arrojadas. Apoiada na grade, uma bicicleta feminina toda cromada.

Procurou em vão uma campainha. Chamou sem obter resposta. Um cachorro veio se esfregar nele.

À esquerda da casa estendia-se um galpão comprido, com janelas normais, porém sem cortinas, lembrando um alpendre feito de material mais precário e sobretudo sem a elegância das pinturas.

Maigret ouviu um mugido vindo de lá, avançou e, após contornar uns arbustos de flores, se viu diante de um portão aberto.

O galpão era um estábulo, porém asseado feito uma casa. Em toda parte, tijolos vermelhos que imprimiam uma luminosidade quente, sueltaosa até, à atmosfera. Regos para escoar água. Um sistema mecânico de distribuição de comida nos comedouros. E uma roldana, atrás de cada boxe, cuja razão Maigret só veio a conhecer mais tarde: era destinada a manter o rabo das vacas levantado enquanto elas eram ordenhadas para que o leite não se contaminasse.

No interior reinava uma penumbra suave. Os animais estavam do lado de fora, menos um, deitado lateralmente dentro do primeiro boxe.

Uma moça se aproximou do forasteiro, interrogando-o primeiro em holandês.

– Srt. Liewens?

– Sim... O senhor é francês?

Enquanto falavam, ela não tirava os olhos da vaca. Havia uma ponta de ironia em seu sorriso, que Maigret não compreendeu imediatamente.

Aqui também as ideias preconcebidas se revelavam falsas. Beetje Liewens usava galochas pretas, que lhe davam uma aparência de vaqueira.

Por cima, um vestido de seda verde, que um jaleco de enfermeira escondia quase por inteiro.

Um rosto cor-de-rosa, cor-de-rosa até demais, talvez. Um sorriso saudável, alegre, ao qual, porém, faltava sutileza. Olhos grandes, num azul de porcelana. Cabelos ruivos.

Tropeçou nas primeiras palavras em francês, que pronunciou com um sotaque forte. Mas não demorou a recuperar a familiaridade com a língua.

- É com meu pai que deseja falar?
- Com a senhorita.

Ela quase riu.

– Me desculpe. Meu pai foi a Groningen. Só volta à noite... Os dois criados estão no canal, descarregando carvão... A empregada, nas compras... E foi justo a hora que a vaca escolheu para parir... Não esperávamos por isso... Estou sozinha...

Estava apoiada num guincho, que deixara preparado para a eventualidade de ter que ajudar o animal. Sorria, radiante.

Fazia sol do lado de fora. Suas galochas reluziam como verniz. As mãos eram carnudas e róseas, as unhas, feitas.

- É a respeito de Conrad Popinga que...

Mas ela pestanejou. A vaca acabava de dar um corcoveio doloroso e voltava a cair pesadamente.

- Cuidado... Pode me ajudar?

Ela apanhou as luvas de borracha, que estavam preparadas.

Foi assim que Maigret começou aquela investigação, ajudando um bezerro da raça pura *frisso* a vir ao mundo, na companhia de uma moça cujos gestos seguros revelavam a prática de esportes.

Meia hora depois, enquanto o recém-nascido já procurava as tetas da mãe, ele se curvava ao lado de Beetje sob uma torneira de cobre vermelho e ensaboava as mãos até os cotovelos.

– É sua estreia na profissão? – brincou.

– Exatamente.

Tinha dezoito anos. Quando tirou o avental branco, o vestido de seda esculpiu formas cheias que, talvez por causa da atmosfera ensolarada, sugeriam algo de extremamente inebriante.

– Conversaremos tomando chá. Vamos para a casa.

A empregada voltara. A sala era austera, um pouco escura, mas confortável e elegante. As pequenas vidraças das janelas eram de um tom rosa delicado, quase imperceptível, que Mai-gret nunca vira antes.

Uma estante repleta de livros. Obras variadas sobre pecuária e veterinária. Nas paredes, medalhas de ouro obtidas em exposições internacionais e diplomas.

Em meio a tudo isso, os mais recentes livros de Claudel, André Gide, Valéry.

Beetje deu um sorriso dengoso.

– Quer conhecer o meu quarto?

Ela estudava suas reações. Em vez de cama, um divã, forrado com veludo azul. Papel de parede de Jouy. Prateleiras escuras e mais livros, uma boneca comprada em Paris, cheia de fru-frus.

Quase uma alcova, não obstante a atmosfera um tanto pesada, sólida, grave.

– Não é igualzinho a Paris?

– Eu gostaria que me contasse o que aconteceu semana passada.

Beetje fechou o semblante, não muito, contudo, não o bastante para sugerir que tivesse os acontecimentos pelo lado trágico.

Senão não teria aberto aquele sorriso vibrante de orgulho ao mostrar o quarto.

– Vamos ao chá.

Sentaram-se frente a frente, diante do bule vestido com uma espécie de anágua que não deixava a infusão esfriar.

Beetje catava palavras. Teve uma ideia. Muniu-se de um dicionário e às vezes se interrompia um bom tempo para encontrar o termo preciso.

Um barco deslizava pelo canal, encimado por uma grande vela cinzenta, empurrado com a ajuda de uma vara, devido à ausência de vento. Esgueirava-se por entre as toras de madeira que obstruíam o leito.

— Ainda não foi à casa de Popinga?

— Cheguei não faz uma hora, só tive tempo de ajudar sua vaca a parir.

— É verdade. Conrad era encantador, um homem realmente simpático. Mais moço, viajou por todos os países, como imediato, e logo como tenente... Depois, quando tirou o brevê de capitão, casou e, por causa da mulher, aceitou um posto de instrutor na Escola Naval. Não é tão atraente... Ele tinha um pequeno iate. Mas a sra. Popinga tem medo de água e ele foi obrigado a vender. Nos últimos tempos, tinha apenas um bote no canal. Viu o meu? Quase igual! À noite, dava aulas particulares. Trabalhava muito...

— Como era ele?

Ela não entendeu prontamente. Terminou por ir pegar uma fotografia que mostrava um rapagão bochechudo, de olhos claros, cabelos cortados curtos, parecendo esbanjar generosidade e saúde.

— É Conrad. Não aparenta quarenta anos, concorda? A mulher é mais velha que ele. Talvez quarenta e cinco... Não viu! E não necessariamente as mesmas ideias. Por exemplo... Aqui, salta aos olhos, todo mundo é protestante. Eu pertenço à Igreja moderna. Liesbeth Popinga, por sua vez, é da Igreja nacional, que é mais severa. Como vocês dizem? Conservadora?

— Conservadora...

– Sim! E patrocina todas as obras benéficas.

– Não gosta dela?

– Gosto. Mas não é a mesma coisa. Ela é filha de um diretor de colégio, comprehende? Já meu pai é um simples fazendeiro. Mesmo assim, ela é muito carinhosa, muito boazinha.

– O que aconteceu?

– Há muitas conferências por aqui. É quase um vilarejo. Cinco mil habitantes. Mas não queremos ficar desatualizados. Na última quinta-feira, era o professor Duclos, de Nancy. Já ouviu falar?

Ficou bastante admirada que Maigret não conhecesse o professor, que ela julgava uma glória nacional francesa.

– Um grande advogado. Especialista em questões criminais e... como é mesmo a palavra? Psicológicas... Falou da responsabilidade dos criminosos. Está certo? Pode me corrigir quando eu errar.

“A sra. Popinga é presidente do grupo. Os palestrantes sempre se hospedam em sua casa.

“Às dez horas, houve uma pequena confraternização. O professor Jean Duclos, Conrad Popinga e a mulher, depois Wiednands, mulher e filhos... E eu...

“Na casa de Popinga. Fica a um quilômetro daqui, no Amsterdiep também. Amsterdiep é o canal que o senhor vê. Tomatico vinho, comemos bolo... Conrad ligou o rádio. Any, eu já ia esquecendo, irmã da sra. Popinga, que é advogada, também estava lá. Conrad quis dançar. Enrolamos o tapete. Os Wiednands foram embora antes, por causa dos filhos. O menor, que chorava... São vizinhos dos Popinga... À meia-noite, Any disse que estava com sono. Eu tinha vindo de bicicleta. Conrad me acompanhou na volta para casa. Pegou sua bicicleta também...

“Vim para cá. Meu pai estava à minha espera.

“Foi só no dia seguinte que soubermos da tragédia... Delfzijl estava em polvorosa...

“Não acho que tive culpa. Quando Conrad voltou, foi colocar sua bicicleta no galpão, atrás da casa.

“Atiraram, com um revólver. Ele caiu... Morreu meia hora depois...

“Pobre Conrad! A boca aberta...”

Enxugou uma lágrima que parecia engraçada em sua face lisa e rósea como a casca de uma maçã madura.

– Só isso?

– Só... A polícia veio de Groningen para ajudar a guarda local. Concluiu que atiraram da casa. O professor foi visto, imediatamente depois, descendo a escada com um revólver na mão. E era o revólver do qual partira o disparo...

– O professor Jean Duclos?

– Sim! Então, não permitiram que ele partisse.

– Em suma, nesse momento permaneciam na casa a sra.

Popinka, sua irmã Any e o professor Duclos...

– Ya!

– E, durante a festinha, além deles, os Wienands, a senhorita e Conrad...

– E Cor também! Esqueci...

– Cor?

– É, Cornelius. Um aluno da Escola Naval, que tinha aulas particulares.

– Em que momento ele saiu?

– Na mesma hora em que eu e Conrad. Mas ele virou à esquerda, com sua bicicleta, para retornar ao navio-escola atracado no Ems-Canal. Quer açúcar?

O chá fumegava nas xícaras. Um automóvel acabava de parar ao pé da escada de três degraus da entrada. Logo em seguida, entrou um homem, alto, espadaúdo, grisalho, com um semblante grave, uma lentidão que lhe acentuava a calma.

Era o fazendeiro Liewens, que esperou a filha apresentar-lhe a visita.

Ele apertou vigorosamente a mão de Maigret, mas não disse nada.

— Meu pai não fala francês.

Ela serviu-lhe uma xícara de chá, que ele bebeu em pé, em pequenos goles. Então, em holandês, ela lhe comunicou o nascimento do bezerro.

Deve ter falado do papel desempenhado pelo comissário na situação, pois o fazendeiro olhou para ele com um espanto não isento de ironia e, após uma saudação um tanto solene, dirigiu-se ao estábulo.

— Puseram o professor Duclos na prisão? — indagou Maigret.

— Não! Ele está no Hotel Van Hasselt, vigiado por um guarda.

— E Conrad?

— O corpo foi levado para Groningen, a trinta quilômetros daqui. Uma cidade grande, cem mil habitantes, com uma universidade, onde Jean Duclos havia sido recebido na véspera. Terrível, não é mesmo? Não dá para entender.

Terrível, talvez! Mas não se sentia! Provavelmente em virtude da atmosfera cristalina, do cenário ameno e confortável, do chá fumegante e de toda aquela cidadezinha, que parecia um brinquedo pitoresco espetado na beira do mar.

Da janela, viam-se, dominando a cidade de tijolos vermelhos, a chaminé e a passarela de um grande cargueiro em procedimento de descarga. E os barcos, no Ems, deslizavam ao sabor da corrente até o mar.

— Conrad costumava levá-la em casa?

— Sempre que eu ia à sua casa. Era um amigo.

— A sra. Popinga não tinha ciúmes?

Maigret perguntou mecanicamente, depois de seus olhos baterem no colo sedutor da jovem e talvez porque dele emanava uma onda de calor.

— Por quê?  
— Não sei... A noite... Vocês dois...  
Ela riu, mostrando os belos dentes.  
— Na Holanda isso é normal. Cor também me levava, às vezes.

— E ele não estava apaixonado?  
Ela não disse sim nem não. Arrulhou. É a palavra. Um pequeno arrulho de vaidade satisfeita.

Pela janela viram seu pai removendo o bezerro do estábulo, carregando-o como um bebê e instalando-o na relva do pasto, para um banho de sol.

O animal vacilou sobre as quatro patas franzinas, quase caindo de joelhos, e esboçou subitamente um galope, de quatro ou cinco metros, antes de estacar.

— Conrad nunca a beijou?  
Novo arrulho, porém acompanhado de pouquíssimo rubor.  
— Sim...  
— E Cor?

Ela foi mais convencional, desviando a cabeça até ficar de perfil.

— Também! Por que pergunta isso?  
Olhou para ele, meio ressabiada. Porventura esperava que Maigret também fosse beijá-la?

Seu pai, do lado de fora, a chamou. Ela abriu a janela. Ele falou em holandês. Quando ela se voltou, foi para dizer:

— Sinto muito. Tenho que ir à cidade chamar o prefeito para o pedigree do bezerro. É muito importante. Não vai a Delfzijl?

Ele saiu com ela. Ela pegou sua bicicleta cromada pelo guidom e caminhou ao seu lado, com um leve requebro.

— Que país bonito, não acha? Pobre Conrad, que não pode mais ver! A temporada de banhos de mar começa amanhã! Nos outros anos, ele vinha todos os dias. Ficava uma hora na água.

Maigret, caminhando, olhava para o chão.